

**JOSÉ VASCONCELOS DA ROCHA**

**CONSTRUI** OS ALICERCES,  
ERGUI A **ESTRUTURA;**  
**NÃO PUDE** FAZER A CUMEEIRA  
**16/06/92 - 16/06/94**

**A HISTÓRIA** DA CRIAÇÃO E **INSTALAÇÃO** DO TRIBUNAL  
REGIONAL DO **TRABALHO NO** RIO GRANDE DO NORTE

**Tiragem:** 1000 exemplares

**Capa:** JOB Comunicação

**Coordenação:** Sérgio Murilo Lima do Nascimento

**Produção Gráfica:** José Antonio Bezerra Junior

**Normalização:** Angela Vasconcelos dos Santos

**Revisão:** Sérgio Murilo Lima do Nascimento

Construí os alicerces, ergui a estrutura; não pude fazer a cumeeira.  
16/06/92 – 16/06/92: a história da criação e instalação do Tribunal Regional do Trabalho no Rio Grande do Norte. Natal: 2006. 380p.

1. Tribunal Regional do trabalho da 21<sup>a</sup> Região – História. 2. Justiça do Trabalho – Rio grande do Norte. 3. José Vasconcelos da Rocha – Memórias. I. Título.

CDU: 347.998.4 (813.2)

**É permitida a reprodução total ou parcial da matéria constante desta revista, desde que citada a fonte.**

## PREFÁCIO

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce...  
A alma é divina e a obra é imperfeita.  
Este padrão sinala ao vento e aos céus  
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:  
O por-fazer é sei com Deus.”

**Fernando Pessoa**

*(Mar Portuguez, O infante e III. Padrão, de mensagem)*

Primeiro, José Rocha faz história. Agora – seu agente, partícipe e observador privilegiado –, vem contá-la.

Assim é este livro, que registra sua luta e importante parte de sua vida. Assinala ao vento e aos céus sua obra. Para os contemporâneos e para os pósteros. *Meninos, eu vi* – é pouco. Meninos, eu fiz.

No título, a expressão que ele cunhou e tornou famosa no seio da Justiça do Trabalho, referindo-se ao prédio do tribunal que trouxe para o Rio Grande do Norte, instalou e presidiu originalmente: *construí os alicerces, ergui a estrutura; não pude fazer a cumeeira*.

Nessa expressou, a síntese de seu inconformismo. De não se contentar com o feito e querer sempre fazer mais. Nesse inconformismo, um dos traços mais característicos de seu caráter.

A vontade de avançar, de construir, de vencer. Sobretudo, de fazer.

Pois José Rocha é, antes de tudo, um homem de ação. Fazer é seu verbo. Realizar. Construir. E quem constrói quer ver a obra pronta. Por isso a irresignação com a impossibilidade de arrematá-la com a cumeeira.

No entanto, ele vem e a coloca. Não a cumeeira de pedra e cal, que não pôde ser posta por suas próprias mãos. Mas a cumeeira simbólica, a cumeeira espiritual, a cumeeira emocional, a cumeeira ideal, a cumeeira que é como o quarto da *Última Canção do Beco*, de Manuel Bandeira: a que não é *forma imperfeita*, a que *vai ficar na eternidade*.

A cumeeira é este livro.

Aqui o fazedor, o lidador, o lutador, o vencedor que é José Rocha, arremata o edifício de sua vida na Justiça Laboral, um dos muitos prédios que construiu.

Uns são edifícios de concreto e tijolo, ferro e madeira, como esse do Tribunal do Trabalho; como o do antigo Escritório de Advocacia da Rua Quintino Bocaiúva, em frente à igreja do Rosário, que batizou com o nome de seu pai, Adauto Ferreira da Rocha, que lhe deu régua e compasso, metro e prumo; como o da primeira casa própria que possuiu, na Rua Juvino Barreto, de cuja construção sempre relembra com os olhos marejados de lágrimas, porque foi feita em tempos difíceis, ao lado de sua mulher, a eterna companheira e co-autora de todas as suas edificações, essa admirável Vivi Serrano da Rocha.

Outros são monumentos de emoção, de sentimento, de luta, de vontade, de muito labor, de firmes princípios e elevados ideais, como sua família, que tenho a honra e a sorte de integrar – filho no bem-querer, que sou; como suas sucessivas carreiras profissionais, na política, na advocacia e na magistratura; como sua paixão clubística permanente, o glorioso América Futebol Clube; como seu lugar na vida da sociedade norte-rio-grandense, aclamado e querido por incontáveis admiradores e amigos.

Amigos, amigos, muitos e verdadeiros amigos, pois se José Rocha é um fazedor, ele é principalmente um fazedor de amigos. Não é á toa que seu verso predileto, de seu poeta preferido Augusto dos Anjos é *Meu coração tear catedrais imensas*. Identificação imediata. Os amigos são os mais importantes moradores de todos esses prédios que formam sua cidade emocional, sua pátria espiritual.

E, em todos esses edifícios – uns de cumeeira posta, outros ainda sempre com obras em andamento –, uma marca constante, um sinal peculiar: a vitória.

Porque José Rocha foi vitorioso na política, bastando dizer que tornou-se, com vinte e poucos anos, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado. Foi vitorioso na advocacia, na qual chegou a titular da mais conceituada banca trabalhista do Rio Grande do Norte. Foi imensamente vitorioso na magistratura, como se pode concluir lendo este livro, Desembargador e primeiro Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 21<sup>a</sup>. Região, do qual aposentou-se *maior que o cargo*, como me disse em comentário lapidar

o Ministro Francisco Fausto. Foi e é vitorioso no esporte, quanto mais não fosse por ser América...

Porém, mais que tudo, é um vitorioso na vida pessoal. O *menino que olhou para dentro de si mesmo e não acreditou no que viu*, como certa vez se autodefiniu, é hoje um homem feliz, que chegou aos setenta anos com a consciência do dever cumprido, a saúde perfeita e de bem com o mundo, ao lado de seus afetos familiares e do calor das amizades, vendo sua obra florescer e frutificar.

Um homem, enfim, que pode dizer, como São Paulo, que combateu o bom combate e guardou a fé. Mas que discorda de outro trecho dessa frase do Discípulo das Gentes, pois *não terminou ainda a carreira*. Deseja mais.

Aquele menino nunca parou de sonhar dentro do homem. Por isso José Rocha continua construindo alicerces, erguendo estruturas – e ansiando sempre por fazer novas cumeeiras.

O que virá a seguir? Aí é só com Deus.

Pirangi, 3 de janeiro de 2006.

Marcelo Navarro Ribeiro Dantas  
Desembargador do TRF - 5ª Região (PE)